

MANUELA BARRETO NUNES

Armando Malheiro da Silva – *A Informação. Da compreensão do fenómeno à construção do objecto científico*. Porto: Afrontamento; CETAC, 2007. ISBN 978-972-36-0859-5

Num belíssimo texto da colectânea de conferências *Amor. Poesia. Sabedoria*, onde disserta a partir do problema que nos é colocado por vivermos num mundo saturado de informação, diz a certa altura Edgar Morin: «Para mim, a linha de força de uma sabedoria moderna seria a compreensão». Esta citação salta à memória logo ao primeiro olhar para a capa da mais recente obra de Armando Malheiro da Silva, na qual sobressai, a seguir ao título – *A Informação* –, destacado em letras gordas, a palavra «compreensão», no sub-título, em corpo menor, embora na mesma cor branca sobre o fundo azul de um desenho gráfico bem sucedido.

Na verdade, é uma busca incessante de compreensão o que mais impressiona no trabalho em geral do autor, e ressalta de forma notável neste livro sobre a *Informação* – ou, melhor dito, *em busca de uma Ciência da Informação*. Armando Malheiro da Silva é curioso connosco, leitores, procura compreender connosco, e as perguntas constantes que subjazem à sua busca interpelam-nos incessantemente, mesmo quando não directamente expressas.

Falamos de uma obra complexa e intelectualmente estimulante, que exige do leitor seriedade, curiosidade, atenção crítica, mas onde o autor se revela capaz de reflectir em comunhão, introduzindo, num ensaio onde o rigor científico é indiscutível, notas de ironia, humor, e até, a espaços, poesia.

Construído a partir de quatro textos que foram inicialmente elaborados para publicações distintas, o livro, apesar de algumas repetições (por exemplo, do conceito de «*Informação*», apresentado pelo próprio e por Fernanda Ribeiro em obra anterior) desenrola-se com uma notável harmonia, como se não tivesse sido concebido em par-

tes e sim, desde logo, como um todo coerente, reflectindo o plano prévio do autor, de com aqueles desenhar um corpo teórico completo, que comprovasse as suas reflexões sobre a Ciência da Informação.

O tema, aliás, está claramente expresso no título, que diz tudo: utilizando uma metodologia característica das ciências sociais, mas que também remete para o método filosófico de argumentação, Armando Malheiro da Silva vai desbravando, capítulo a capítulo, o difícil caminho que explica a definição, por ele proposta em trabalho anterior, em parceria com Fernanda Ribeiro, do conceito de *Informação*, contrapondo-o a outras definições oriundas de outros campos científicos e a conceitos afins com os quais muitas vezes é confundido – *cultura, documento, conhecimento, comunicação* –, confrontando-o com definições e discursos diversos que rebate ou integra para melhor explicar o conceito que defende. Nesta senda, o autor atinge um outro objectivo, quiçá o mais importante no trabalho que apresenta, aquele que constitui o cerne das suas preocupações: propor um *corpus* científico para a Ciência da Informação, para cuja afirmação em Portugal tem dado um contributo decisivo e que encontra neste livro o corolário de uma racionalidade pontuada pelo questionamento e pela dúvida, pelo inacabado, pela abertura à discussão, mas sobretudo pela sua afirmação, numa floresta intrincada de conceitos mal interpretados, de caminhos mal percorridos, de visões limitadas e limitativas, até mesmo corporativistas, condicionadas pelos contextos históricos e sociais que com paciência desmonta para afirmar a autonomia de uma Ciência emergente e que considera poder afirmar-se no núcleo mais lato das Ciências da Comunicação.

Nesse sentido, um dos diálogos mais fortes que se desenrolam ao longo da obra, é aquele que estabelece com a escola espanhola da Documentação, defendendo a Ciência da Informação como uma ciência mole – social e humana – e não dura – exacta e natural –, explicando como a natureza da informação a distingue do documento, simples suporte de algo que o transcende, dependente da matéria em que a evolução da tecnologia permite que se consubstanciem conteúdos transmissíveis, e que, em consequência, não pode constituir o núcleo do campo científico.

Um outro diálogo interessante – e fundamental – é o que estabelece com a Teoria Matemática da Comunicação, de Shannon e Weaver, sendo clara na sua abordagem a preocupação por integrar contribuições mais contemporâneas e susceptíveis de permitir uma melhor compreensão do campo da informação, como as que nos vêm da semiótica e das teorias cognitivas da informação.

Crítica a visão profissionalizante, limitada, corporativista e tecnicista que reduz a Ciência da Informação às práticas biblioteconómicas e arquivísticas, salientando o efeito nefasto que esta visão – que confunde profissões com o campo científico e estabelece uma distinção artificial relativamente à natureza da informação, consoante o contexto institucional em que se exprime – tem tido na afirmação de um campo científico cada vez mais fulcral no mundo contemporâneo, onde a informação se transformou num factor de produção e num motor de desenvolvimento económico.

A forma como Armando Malheiro da Silva constrói a sua tese é, por outro lado, um dos factores mais estimulantes e bem sucedidos deste trabalho, uma vez que vai apresentando o conceito de Informação em simultâneo com a defesa do objecto próprio da Ciência da Informação, em permanente diálogo com os quatro campos que considera fundamentais para a construção do objecto científico, começando por aqueles com os quais tradicionalmente se confunde e terminando com os que considera serem os seus núcleos mais propriamente constitutivos:

- a *Cultura*, capítulo em que se socorre da Antropologia e da Sociologia para inserir a Ciência da Informação no vasto campo da cultura, renegando o conceito tradicional e elitista que tenderia a relacioná-la com a prática ligada sobretudo aos arquivos históricos ou às bibliotecas de carácter patrimonial;
- o *Documento*, que considera estar na origem das mais terríveis mistificações quando, na ânsia de afirmar uma ciência dura, se confunde informação com documento e se tende a reduzir a informação à informação científica e técnica (e é aqui que mais se destaca a discussão frontal com a escola espanhola da Documentação, que acima referimos);
- o *Conhecimento*, conceito difuso que, dum ponto de vista conceptual, é difícil de destrinçar de *Informação*, redundando numa espécie de ambivalência dos dois termos e numa elucidativa recusa do autor em concluir o capítulo, apelando a mais discussão e mais reflexão (como aliás fizera no capítulo anterior, sobre o documento, em que propõe um recomeço, em vez de uma conclusão);
- e finalmente a *Comunicação*, que tem com a *Informação* uma relação tão intrínseca que Armando Malheiro as define como as duas faces de Janus, uma não existindo sem a outra, mesmo que ambas se prestem à confusão com outras técnicas e ciências. Este é talvez o capítulo de mais difícil leitura e mais complexa abor-

dagem teórica, mas aquele onde Armando Malheiro da Silva atinge mais profundamente os objectivos a que se propõe.

É neste capítulo que o autor encerra a obra, e é neste capítulo que este livro se transforma num marco fundamental para a afirmação da Ciência da Informação em Portugal e, num sentido mais lato, num contributo imprescindível para a discussão internacional sobre o campo científico, pois estamos longe – como o trabalho aqui apresentado demonstra à exaustão – de atingir opiniões consensuais, desde a própria designação, tão ligada ainda às práticas e com tanta dificuldade em destacar-se da tradição, e em tantos países (*Librarianship and Information Science* nos países anglo-saxónicos, *Documentación* em Espanha, aparecendo em Portugal, nas distintas Universidades, com nomes que vão da *Ciência da Informação*, a *Ciências da Informação e Documentação*, ou às velhas *Ciências Documentais...*), às questões fundamentais e fundadoras que, filósofo de formação, enuncia logo no final do primeiro capítulo: quem somos? Onde estamos? De onde vimos? Para onde vamos?

O livro inicia-se com um excelente prefácio de Fernando Ilharco, inclui uma viva entrevista conduzida por três arquivistas brasileiros, e que reflecte o nível do debate e discussão que este tema suscita no país irmão, encerrando com uma *Terminologia essencial* que se revela muito útil para compreender os temas abordados e ficará como fonte de referência para a área no nosso país, apresentando finalmente uma bibliografia abrangente dos assuntos e autores discutidos.

No final da sua leitura, muitas são as questões que permanecem, muitas são as questões que surgem. A natureza da informação e a sua relação cada vez mais intrínseca com a comunicação nos nossos dias levantam incessantemente novos problemas, e põem em causa muitas das velhas e mesmo mais recentes convicções sobre o fenómeno. O objecto científico está pois, em construção, e é por isso ainda mais empolgante ler esta obra e aguardar novos contributos do seu autor.